



Prémio Fernão Mendes Pinto para tese realizada no CES

Fátima Rodrigues foi distinguida pelo trabalho sobre antigos combatentes da guerra colonial

●●● A guerra também pode ser um território de reconciliação, conclui uma tese de doutoramento realizada no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra pela investigadora Fátima Rodrigues, que venceu o Prémio Fernão Mendes Pinto de 2014. A tese de doutoramento “Antigos combatentes africanos das Forças Armadas Portuguesas: a guerra colonial como território de (re)conciliação”, apresentada em 2013, procura compreender como os antigos combatentes que lutaram contra os movimentos de libertação entre 1961 e 1974 e que, entretanto, vieram para Portugal, interpretam os seus percursos de vida”.

“[Território de reconciliação] é uma conclusão pouco provável, quando sabemos que a guerra é um território de devastação, e um lugar de transformação ontológica sem retorno. Mas, na verdade, é esta a conclusão deste trabalho, que escolheu olhar a guerra partindo do ponto de vista dos antigos combatentes africanos das FAP”, disse à agência Lusa Fátima da Cruz Rodrigues.

O trabalho foi distinguido com



Fátima da Cruz Rodrigues é autora da tese “Antigos combatentes africanos das Forças Armadas Portuguesas: a guerra colonial como território de (re)conciliação”

1 “A guerra não produz só crueldades mas também laços que em relação a Portugal não se vão mais desfazer. A guerra colonial na qual participaram conseguiu diluir dicotomias e diferenças que existiam entre portugueses e africanos, que também eram portugueses”, refere a autora

o Prémio Fernão Mendes Pinto de 2014, atribuído pelo Conselho de Administração da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP), que se destina a galardoar anualmente uma tese de mestrado ou doutoramento que contribua para a aproxima-

ção das comunidades de língua portuguesa.

De acordo com a tese, nas guerras travadas em Angola, em Moçambique e na Guiné entre 1961 e 1975, o poder colonial português recorreu a soldados de origem africana que incorporaram nas suas Forças Armadas e, que, no final do conflito, representavam aproximadamente metade do total das tropas operacionais nos territórios em guerra.

“Esta pesquisa pretendeu interpretar os percursos de vida desses ex-combatentes de origem africana, que vieram residir para Portugal. Com a interpretação de memórias e de documentos centrados na vida quotidiana destes militares nos diversos cenários de guerra, com a análise dos seus percursos de vida em Portugal e com a caracterização das posições do Estado português e das FAP”, explicou Fátima Rodrigues.

Segundo a investigadora, muitos dos antigos combatentes africanos das FAP que colaboraram na tese procuram um lugar para reconstituírem as suas vidas depois dos “desvios” provocados pela guerra colonial.